

CRÓNICA

Ontem já agora



A inanidade amanhecida persiste com dias manhosos quando vem mais um silêncio duro serpenteado desesperançado sem pompos e juntos chegam e fecham-me o livro. Existem assim dias tão ausentes de aves de afectos até rodopiarem não saberem por receber lá muito bem palavras, sequer encantarem suficientes na tua pele, nem a tua carícia sobre meu ombro acordar-me, não sei porquê. A inanidade apenas, como se amor, eu me só lavasse depois de fazermos amor, eu que de cada vez sentir-me distorcida mais quando sinto regressares assanhado e *-ontem já agora amor...* iludir-me, pensar contares notícias do sacrifício teu para sempre ausente dos meus olhos, depois ver-te partir, sempre, mas eu percorrer novamente no que não sou assim feita quando tento talvez entrar descuidada num raciocínio abrupto mais de cada

vez que venho do silêncio do quarto digo-te amor... venho mas reter uma lágrima para envergonhar-me mostrar-te mas caramba, tu vens só de quando em vez à pátria e dizes sempre igual

mas eu também penso amor, por talvez também vires animal em galope como se aos tropeções sobre meu corpo, vens à pátria sei que ela até arremessou-te mas vens sem pensares que num dia destes dei-me

Hannah Arendt, pensar do amor teimar sempre razoável se é única razão suficiente por onde entro muitas vezes com palavras que defino-te até sinto encantarem a tua pele, *mas a carícia sobre meu ombro...*
um desleixe meu amor... como se eu fazer ontem já agora uma paixão realmente imensa sentir a tua mão um fulgor desmedido num silêncio impedor fosse ontem já agora não deixar vencer o sonho não descuidar a distância sempre agreste como lâmina sobre uma areia fina no deserto tão deserto como os lábios a pele a segura por onde rasteja ainda falasses num túnel gigante eu fora confundir ecos,
ver na casa inteira apenas parte do coração mas agora encostado na parede...olha, a que divide a casa de banho do corredor do nosso estreito quarto que leva as aves e tuas palavras afinal, eu esconder-me na lágrima não mostrar-ta senão de cada vez que venho do silêncio até o livro esvair-se com histórias bonitas que me levam, amor, sempre, ao amor, ao feixe da luz que estes dias estúpidos rompem da janela e teimo querer ver somente *o teu gesto singelo a tua pele sem cicatrizes ausências de sombras teimar percorrer-te eu nua tu nu*
percorrermo-nos no que somos ontem, já agora, pessoas felizes talhar dias, enfeitarmos as ausências dos silêncios...



- ontem já agora amor

ver no espelho com mãos no rosto como a

Paço de Arcos, Janeiro 2010

